

## EDITORIAL

O ano de 2013 é um ano rico de celebrações. Um representativo número de obras e de personagens completa aniversário neste ano. Comemoramos o centenário da *Psicopatologia Geral* de Karl Jaspers que, ao lado dos 80 anos da publicação do *Le Temps Vécu. Études phénoménologiques et psychopathologiques* (publicado em 1933), de Eugène Minkowski, representam boa parte da moderna tradição psicopatológica. Igualmente a vertente existencialista comemora os 70 anos do *Ser e Nada* de Jean-Paul Sartre (publicado em 1943), e os 90 anos do *Eu e Tu*, de Martin Buber (publicado em 1923). Comemora-se, ainda, o centenário de nascimento de Paul Ricoeur (1913-2005).

Mas, seguramente, nada mais representativo do que o centenário da publicação das *Ideen* (ou *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica*) de Edmund Husserl, que marca uma importante transição do pensamento fenomenológico e que representa a afirmação da Fenomenologia no cenário do pensamento filosófico contemporâneo.

No esteio de tantas comemorações, nossa principal novidade, neste momento, é a efetivação da transformação da revista, cujo esteio principal é sua internacionalização, que pode ser observada pela mudança no título da revista – que passa agora a se chamar *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies* – e que passa a contar, em seu corpo editorial, com dois consultores externos de renome internacional: Antonio Zirió Quijano (*Universidad Nacional Autónoma de México*) e Pedro M. S. Alves (*Universidade de Lisboa*, Portugal). Além desses reconhecidos autores, contamos agora com o Prof. Tommy Akira Goto, da Universidade Federal de Uberlândia, como colaborador na condição de Editor Associado. E, ainda, com mudanças em nosso Conselho Editorial, incluindo outros nomes internacionais, como André Barata (*Universidade da Beira Interior*, Portugal), Irene Pinto Pardelha (*Universidade de Évora*), Lester Embree (*Florida Atlantic University*), María Lucrecia Rovaletti (*Universidade de Buenos Aires*), Michael Barber (*Saint Louis University*) e Rosemary Rizo-Patrón de Lerner (*Pontificia Universidad Católica del Perú*).

Nossa meta é a continuidade de um crescimento que expressa o crescimento de um movimento, a partir de uma nova visibilidade, e da ampliação de novos diálogos e novas parcerias.

Inauguramos ainda, neste número, nova formatação na apresentação dos artigos publicados, seguindo diretrizes de avaliação orientadas pela Capes. Desta feita, a revista passa a ter – como seções fixas de artigos – três categorias: relatos de pesquisa, revisões críticas de literatura e estudos teóricos ou históricos.

Na categoria de “relatos de pesquisa”, apresentamos neste número, três exemplos de pesquisas empíri-

cas, orientadas pela vertente fenomenológica. No texto, *Compreendendo a Experiência do Sofrimento de Mulheres na Relação Amorosa*, Ana Regina de Lima Moreira e Elza Maria do Socorro Dutra – em pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – promovem a escuta clínica de mulheres em sofrimento amoroso, utilizando entrevistas qualitativas e a narrativa como recurso metodológico. A segunda pesquisa apresentada intitula-se *A Reconfiguração do Significado de Família para Homossexuais: Um Estudo Fenomenológico*, de autoria de Mariana Alvarenga Rodrigues e Marta Carmo – vinculadas ao Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia – e se propõem a uma compreensão dos novos significados das configurações familiares, num estudo empírico-fenomenológico, utilizando a metodologia proposta por Amedeo Giorgi. A terceira pesquisa – desenvolvida junto ao Instituto de Medicina Infantil Prof. Fernando Figueira-PE – chama-se *Gestalt, Grupoterapia e Arte: A Ressignificação do Bebê Pré-termo em Unidade Neonatal*, de autoria de Katerina Czajkowska Braga de Moraes, Tathiane Gleice da Silva, Waleska de Carvalho Marroquim Medeiros e Camila Martins Vieira. Neste texto, as autoras fazem um estudo descritivo junto a processos de intervenção precoce com bebês e seus acompanhantes, numa Unidade de Cuidados que utiliza o método canguru.

A categoria “revisão crítica de literatura” traz dois textos. Em *Reflexões sobre a Atuação Ética do Pesquisador em Estudos Qualitativos: Um exemplo envolvendo o tema da Religiosidade*, a professora Thais de Assis Antunes Baungart, da Faculdade Anhanguera de Campinas, busca pensar a atuação do pesquisador em relação a questões de ordem religiosa. O segundo texto – intitulado *Fenomenologia da Depressão: Uma Análise da Produção Acadêmica Brasileira* – de autoria de Anielli Santiago e Adriano Holanda, vinculados à Universidade Federal do Paraná, traz um panorama das pesquisas publicadas no Brasil cujo tema é a depressão numa perspectiva fenomenológica, a partir de uma pesquisa em bases de dados abertas.

A terceira categoria – “Estudos Teóricos ou Históricos” – tem sete artigos. Em *A Existência como “Cuidado”: Elaborações Fenomenológicas sobre Clínica Psicoterapêutica*, de autoria de Danielle de Gois Santos e Roberto Novaes de Sá (da Universidade Federal Fluminense), aborda noções existenciais de Heidegger em suas possíveis repercussões para a psicoterapia na contemporaneidade. Na mesma direção do pensamento heideggeriano, temos o artigo *Do Sujeito à Presença como Transitividade para o Ser: O Desafio de uma Passagem Epocal sob a Ótica do Pensamento de Heidegger*, de Marcos Aurelio Fernandes, da Universidade de Brasília, onde ana-

lisa a situação do homem na contemporaneidade, a partir de sua passagem crítica, enquanto risco e oportunidade.

No artigo *Expressando Vivências: O Ensaio Vivencial como Escrita, Unidade de Sentido e Aprendizagem Significativa*, de autoria de Carlos Roger Sales da Ponte (Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral), com base na perspectiva pedagógica de Carl Rogers, propõe uma atividade avaliativa que chama de “ensaio vivencial”, como forma de expressão significativa de estudantes. Já em *Ação Corporal e as Reversões entre Consciência e Movimento: O Problema do Realismo Fenomenológico* – de Marcos Ricardo Janzen, Thiago Gomes Decastro e William Barbosa Gomes – temos um estudo histórico que traça uma relação entre corporeidade e consciência, estabelecendo relações entre a fenomenologia descritiva, as ciências cognitivas e a fenomenologia existencial, bem como suas intersecções com outras ciências, como educação física e ergonomia.

A presença do pensamento existencial se faz no artigo *A Angústia e a Culpa no Transtorno Obsessivo-Compulsivo: Uma Compreensão Fenomenológico-Existencial*, de Gustavo Alvarenga Oliveira Santos, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como uma análise dos fenômenos da culpa e da angústia, a partir da descrição de comportamentos compulsivos em Von Gebattel, articulados com as ideias de Medard Boss. Numa direção paralela, o artigo *Intersubjetividade em Michel Henry: Relação Terapêutica* – de autoria de Maristela Vendramel Ferreira e Andrés Eduardo Aguirre Antúnez – trazem as ideias de Michel Henry para um debate sobre intersubjetividade num contexto da clínica psicológica e clínica psicoterápica. Por fim, no texto intitulado *Luto e Fenomenologia: Uma Proposta Compreensiva*, a professora Joanneliese de Lucas Freitas, discute o tema do luto sob um ponto de vista existencial, entendendo-o como uma ruptura e como modo de ser-no-mundo.

Temos ainda a honra de trazer ao público de língua portuguesa, um dos mais representativos estudos publicados na segunda metade do século passado. Trata-se do famoso artigo de Thomas Nagel – *Como é Ser um Morcego?* – publicado originalmente em 1974, na *The Philosophical Review*<sup>1</sup>. Esse texto ocupa significativo espaço em qualquer discussão que toque temas como consciência e cognição, e esperamos com isto aproximar cada vez mais os debates com pesquisadores das ciências cognitivas. Agradecemos aos editores da revista “Philosophical Review”, bem como à Duke University pela autorização para tal tradução.

Mantendo nossa tradição de trazer sempre traduções de textos clássicos da produção fenomenológica, o atual número traz um estudo assinado por Maximilian Beck (1887-1950), que foi membro do grupo fenomenológico de Munich, com um texto publicado originalmente em 1941, sob o título *A Última Fase da Fenomenologia de Husserl: Exposição e Crítica*.

Num ano em que o Brasil trouxe de volta o debate em torno dos trabalhos e propostas de Carl Rogers, e que acolheu o XII Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, publicamos a resenha do livro “Carl Rogers no Brasil”, escrito pelo responsável pela vinda de Rogers ao Brasil pela primeira vez, Eduardo Bandeira. A resenha é assinada por Clovis Martins Costa e Rosane de Bastos Pereira.

Na mesma direção do inacabamento da fenomenologia husserliana, esperamos que este número seja um novo “recomeço radical”, e que possamos estar construindo uma nova página na nossa história.

Boa leitura a todos

*Adriano Furtado Holanda*  
- Editor -

<sup>1</sup> Título original: “What Is It Like to Be a Bat?”, publicado na *The Philosophical Review*, Vol. 83, No. 4 (Oct., 1974), pp. 435-450, publicação da Duke University Press on behalf of Philosophical Review.